



Patrimônios históricos

Por Diana Del Negro

Qual o objetivo de iluminá-los?

O PATRIMÔNIO É CONSTITUÍDO POR ELEMENTOS DE EXCEÇÃO, únicos. Como tal, qualquer intervenção sobre eles deve ser muito bem ponderada, ainda que se utilize apenas uma matéria aparentemente tão efêmera e imaterial, como a luz. É importante que o projetista saiba por que é que se deve iluminar, como o fazer corretamente, quais as ferramentas disponíveis e principais problemas de se lidar com este tipo de bens. Neste texto, irei abordar resumidamente algumas razões para iluminar o exterior deste tipo de edifício e alguns dos problemas relacionados.

Habitualmente, o principal objetivo de iluminar o exterior de um edifício é dar-lhe destaque, torná-lo visível acima de todas as outras coisas durante a noite. Para conseguir alcançar este objetivo é necessária a introdução de contraste. O destaque é normalmente conseguido através dos contrastes de quantidade de luz, de cor ou de movimento. Ou seja, através de um objeto muito luminoso inserido num contexto mais escuro; de um objeto colorido num contexto monocromático ou de um objeto cintilante num meio estático. No caso das propagandas luminosas, são

utilizados, quase sempre, todos estes meios, ao mesmo tempo, capturando infalivelmente o olhar. Como exemplo, basta pensar nos anúncios cintilantes de néon dos anos 80, ou nos atuais painéis de vídeo em LED que se encontram nas ruas.

Quando muitos elementos procuram destacar-se no ambiente noturno, verifica-se, por vezes, excesso de utilização de todos os meios de contraste. Este fato resulta numa espécie de cacofonia luminosa, onde diferentes elementos competem entre si para se tornarem mais visíveis do que os restantes.

Um dos objetivos de iluminar o patrimônio é, obviamente, também torná-lo visível durante a noite. Contudo, um monumento não deve ter que competir pelo protagonismo

com outros elementos de um espaço. Essa é uma das razões pelas quais várias cidades no mundo, mas principalmente na Europa, organizam, regulam e controlam a iluminação noturna nos seus centros históricos.

Ao iluminar outro tipo de edifício, poderíamos eventualmente entrar na competição luminosa e banhar de luz e cor uma fachada, mas iluminar o patrimônio é muito diferente de iluminar qualquer outro elemento. Por quê?

Tratam-se, em primeiro lugar, de bens preciosos e insubstituíveis, que devem ser conservados a todo o custo para que as gerações vindouras possam também usufruir deles. Não é possível, por exemplo, substituir as pedras das muralhas dos castelos marcadas por batalhas épicas ou os afrescos





Igreja e convento da Graça, situados no topo de uma das colinas de Lisboa, antes e depois da realização do restauro e do projeto de iluminação.

pintados por mestres do Renascimento. Por outro lado, enquanto testemunhos históricos, sociais, culturais ou espirituais, possuem muitas vezes um forte simbolismo e importância para a população que não pode ser ignorado.

Por estas razões, o objetivo de iluminar o património não deve ser apenas o tornar visível, mas, idealmente, contribuir para o esforço de conservação da sua imagem e da sua integridade física. Adicionalmente, a iluminação pode também ter um impacto importante ao nível cultural, social, de orientação espacial e na economia.

Quando falo em conservar a imagem noturna de um edifício, não me refiro a mantê-la exatamente no seu estado original. Isto porque, para a maior parte dos edifícios hoje classificados como património, isto significava deixá-los na penumbra, já que, vários, antecedem a invenção da eletricidade. Conservar a imagem de um edifício significa respeitar o seu simbolismo, as intenções do seu autor e valorizá-lo. Por exemplo, se o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, fosse iluminado de um modo sinistro e assustador, o seu significado estaria sendo alterado e dificilmente seria valorizado. Mas se for iluminado de tal forma que o seu simbolismo seja

reforçado, então a iluminação estará cumprindo a sua função de acrescentar-lhe valor.

Através da luz artificial é possível controlar a percepção de um objeto de um modo distinto da luz solar. De tal modo que certas características de um edifício podem-se tornar mais visíveis em detrimento de outras. O lado negativo deste aspecto, é que a iluminação artificial poderá distorcer a sua aparência e torná-los irreconhecíveis. Pelo lado positivo permite salientar aspectos importantes que poderão passar despercebidos durante o dia. Assim, por exemplo, poderemos dar destaque a zonas de uma fachada pouco visíveis durante o dia, mas que têm uma grande importância para a história do edifício.

A igreja e convento da Graça, situados no topo de uma das colinas de Lisboa, são um exemplo deste caso. A antiga entrada do convento possui belos elementos escultóricos, que, contudo, são muito pouco visíveis durante o dia. Assim, durante a noite, estes foram iluminados de modo a convidar os visitantes a melhor conhecer o património, e a acrescentar valor a este edifício. Do mesmo modo, iluminaram-se os seus principais elementos arquitetónicos sem distorcer a imagem do edifício ou provocar-lhe quaisquer danos físicos irreversíveis.



Rubens Campo e Algeo Carroli



Renato Velasco

À esquerda e abaixo, Teatro Municipal de São Paulo e Igreja da Ordem Terceira de São Domingos, ambos iluminados por Fabiano Xavier e Alain Maître, do Atelier Lumière. Acima, Palácio Guanabara com projeto de iluminação de Milton Giglio, do Atelier da Luz.

A iluminação neste caso teve ainda outro papel: o de incentivar melhores comportamentos sociais naquele espaço e, logo, o de proteger o patrimônio. Quando um local é bem iluminado e convidativo, mais pessoas poderão ser atraídas por ele. Tornam-se, assim, mais raros, o vandalismo e o comportamento social menos aceitável, devido à vigilância informal que os ocupantes do espaço exercem uns sobre os outros. A nova iluminação da igreja da Graça pretendia convidar as pessoas a se juntarem e conviverem no local. Antes da implementação do projeto, a zona junto à igreja era pouco iluminada, e existiam atos de vandalismo no local. Desde que a nova iluminação começou a funcionar, várias pessoas passaram a conviver junto ao edifício. Consequentemente, o ambiente social melhorou e as fachadas da igreja deixaram de ser vandalizadas com grafites.

A proteção física do patrimônio é essencial para garantir que este irá sobreviver à passagem do tempo. Esta proteção é regida pelos princípios de proteção do patrimônio, os quais devem ser observados em qualquer intervenção sobre eles. É dever das entidades de conservação do patrimônio zelarem pela observação destas regras. Contudo, é importante que o lighting



Rubens Campo

designer também as conheça antes de executar seu projeto. É que, embora, a correta iluminação possa ajudar no esforço de preservação, quando mal executada, pode também causar danos irreversíveis nos objetos.

Durante várias décadas, o principal modo de iluminar os edifícios era colocar luminárias de alta potência em frente às suas fachadas. Embora este tipo de iluminação, por vezes, provocasse perda de tridimensionalidade e a descontextualização dos objetos, na realidade não implicava qualquer dano nos edifícios.

Hoje em dia, em parte devido ao desenvolvimento da tecnologia, mas também devido à diferente formação dos profissionais que assumem o papel de lighting designer, a iluminação costuma ser realizada de forma diferente. As luminárias, de menores dimensões, são fixadas às fachadas e encastradas nos pavimentos. Este fato traz dois problemas, que são a eventual visibilidade destes equipamentos durante o dia, perturbando a leitura do edifício, e a potencial violação do princípio da reversibilidade. Segundo este princípio, tudo aquilo que for realizado deve poder ser retirado

posteriormente sem deixar qualquer marca sobre o edifício. Assim, por exemplo, devem evitar-se as fixações nos edifícios, quer para colocação de luminárias como para a passagem de cabos e acessórios elétricos. É necessário também verificar se os comprimentos de onda da fonte de luz poderão danificar aquilo que iluminam. Infelizmente, muitas vezes, perfuram-se paredes de alvenaria em pedra com centenas de anos para colocar iluminação que se torna obsoleta em apenas dez ou quinze anos. O objetivo de iluminar o patrimônio é valorizá-lo, não danificá-lo, como tal a importância da iluminação é relativa. Este pressuposto vale para a instalação física e também para a o modo como se ilumina o edifício.

Iluminar o patrimônio é uma tarefa muito delicada, que implica conhecer bem o objeto, sua história e significado. Implica também fazer a melhor iluminação para a sua preservação e leitura, o que poderá nem sempre ir ao encontro dos ideais estéticos do projetista. O lighting designer terá de equilibrar a estética e a técnica com os princípios das intervenções sobre o patrimônio. ◀

é arquiteta e mestre em recuperação e conservação do patrimônio edificado. Responsável pela iluminação do patrimônio da cidade de Lisboa e autora de diversos projetos de iluminação exterior de monumentos, entre os quais a nova iluminação das fachadas da Praça do Comércio e da rotunda do Marquês de Pombal. Atualmente, é doutoranda na University College London, onde realiza seminários sobre a iluminação e investiga o impacto da iluminação no urbanismo. É também autora de comunicações e artigos científicos e do livro "Arquitetura em luz: A iluminação exterior do patrimônio", publicado em 2012 pela editora Caleidoscópio.

Diana Del Negro

